

relação entre público e privado, a difusão de modelos e gostos.

O aproveitamento político da cultura e da arte volta a ser objecto de estudo no ensaio de Maria José de Lancastre, “Cronaca di un congresso (a proposito del quinto congresso internazionale della critica svoltosi a Lisbona nel 1931)” – pp. 39-49. Mais do que ligações luso-italianas, avulta aqui um mapa europeu, e o congresso dos críticos europeus, organizado por António Ferro nos primeiros anos do Estado Novo, é avaliado pela autora como uma manobra de sedução que acreditou no préstimo da cultura como trunfo maior. Numa altura em que se pretendia debater o ascendente dos críticos e as formas do exercício da crítica, o encontro de 1931 – afirma a autora – veio ilustrar essa influência: o zelo propagandístico de António Ferro revelava esperança no vasto alcance público e, eventualmente, no fundo impacto do discurso dos críticos; o teor das críticas recensadas por Maria José de Lancastre mostra quão certa foi essa convicção.

*Traduzioni, imitazioni, scambi tra Italia e Portogallo nei secoli tes-*

temunha a riqueza deste campo de pesquisa. Garantem Davide Conrieri e Valeria Tocco “proseguire su questa via” (p. VIII), e o leitor do presente volume não hesitará em formular um voto benigno: assim seja! ISABEL ALMEIDA

**Maria Bochicchio, *O paradigma do pudor*, Vila Nova de Famalicão, Edições Quasi, 2007, pp. 279**

A pátria portuguesa é às vezes ingrata para com os seus filhos; mas mais ingrata é, como regra, para com os estrangeiros que a privilegiaram, ou que dão provas de lusofilia, os quais, se podem dever-lhe algum apoio pontual, ou alguma bolsa, não têm incentivos regulares ou o apoio e o reconhecimento público – nem que fosse traduzido em convites, condecorações, prémios, e até em verbetes de dicionários – que merecem a sua dedicação à cultura portuguesa e as suas contribuições para o seu conhecimento e divulgação.

Vivendo em países próximos ou longínquos, indo e vindo ou fixando-se entre nós, como se fixaram a alemã Carolina Michaëlis ou o sardo Michel Giacometti,

não são poucos os que produziram obras que nos enriquecem, e que nalguns casos até nos ensinam a descobrir e a valorizar o que temos. Aos dois nomes referidos poderíamos associar muitos outros, antigos como o italiano Nasoni ou o inglês Barão de Forrester, e modernos como o inglês Charles Boxer, o italiano Antonio Tabucchi, o espanhol Angel Crespo, o francês Frédéric Mauro, o norte-americano Arthur Askins, o alemão Curt Meyer-Clason – por exemplo.

Há lusófilos de muitas nacionalidades; mas depois dos brasileiros são os italianos que mais têm trabalhado – desde os tempos dos cancioneiros Colocci-Brancuti e da Vaticana – em favor da cultura portuguesa; para o provar, bastaria que nos reportássemos ao século XX, e lembrássemos apenas os nomes dos já falecidos Giuseppe Carlo Rossi, Silvio Pellegrini, Gino Saviotti, Guido Battelli, Vincenzo Spinelli, Leo Magnino, Giacinto Manuppella, Luciana Stegagno Picchio, Carlo V. Cattaneo... Actualmente, impressiona o número de investigadores, críticos, tradutores, professores e criadores italianos – alguns dos quais já

tão prestigiados como Giuseppe Tavani, ou como Ettore Finazzi-Agrò – dedicados à causa da literatura portuguesa. A eles acaba de se juntar Maria Bochicchio, que, em colaborações dispersas mas sobretudo em *O paradigma do pudor* dá conta não só dos seus largos conhecimentos sobre José Régio e sobre a poesia portuguesa moderna, mas também de uma sólida formação teórico-crítica, com especial relevância na área dos estudos textuais, ou ecdóticos, ou crítico-genéticos, que propõem a melhor lição do texto, denunciando gralhas, censuras, supostas correcções ou revisões à revelia do autor, e que esclarecem a sua génese, as hesitações, os avanços, os recuos, os saltos que conduzem ao texto autoral final.

Maria Bochicchio não esconde a sua dívida (“este trabalho inspira-se no modelo”...) em relação à teoria e à prática internacionalmente reconhecida de Giuseppe Tavani, que aliás prefacia, juntamente com o especialista regiano Eugénio Lisboa, o seu livro, e o considera “um óptimo exemplo de edição crítico-genética”. Mas ela não desconhece outras teorias e não

podia ser indiferente aos exemplos de numerosos filólogos italianos – que constituem uma informal mas verdadeira “escola” ao serviço de Portugal – a quem se devem estudos textuais e edições críticas de autores portugueses, sobretudo medievais: lembremos, entre outros, além dos já citados Tavani, Luciana, Ettore, os nomes de Valeria Bertolucci-Pizzorusso, Fernanda Toriello, Giulia Lanciani, Anna Ferrari, Maurizio Perugi, Barbara Spaggiari...

Integrando-se com brio nessa brilhante tradição, Maria Bochichio optou porém pela edição crítica de uma obra relativamente recente, publicada pela primeira vez em 1954 – *A chaga do lado*, de José Régio. Tal escolha vale desde logo como um desafio (e uma adequada e definitiva resposta) a quantos julgam equivocada ou “imprópria” a “aplicação da crítica textual às obras literárias modernas e contemporâneas”; mas tem também o mérito de contemplar uma obra “importante do cânone regiano” (Eugénio Lisboa), uma obra singular e pouco estudada de um Régio já cinquentenário, ou uma das obras poéticas mais veementes e pro-

vocatórias da poesia portuguesa das últimas décadas. E não se pense que Maria Bochichio faz apenas o que diz em subtítulo, a “edição crítico-genética” desse livro; o enigmático ou metafórico título *O paradigma do pudor* talvez deixe de parecer impertinente quando se lê a primeira parte, onde são cuidadosamente analisadas questões centrais da obra de Régio em geral e em especial de *A chaga do lado*: o inconformismo social e espiritual, o confessionalismo e as suas ficções, a inquietação religiosa, a exigência da verdade.

Com brevidade, mas também com grande rigor, Maria Bochichio reflecte sobre o percurso humano e poético de José Régio antes do e durante o período da produção dos poemas de *A chaga do lado*, assinalando o que num e noutro desses percursos dá conta da “busca da perfeição”. Mas na segunda parte do livro, no estudo e nas notas que acompanham a edição da obra regiana, a estudiosa italiana exhibe mais do que a sua gula de leitora – que, diz Eugénio Lisboa, “se não leu *tudo*, leu quase *tudo*” – e a sua boa formação de ensaísta e de biógrafa ou de historiadora literária, pois

dá sobejas provas das suas capacidades de filóloga e de investigadora, que tentou juntar e explicar todos os materiais pré-textuais e para-textuais (“autógrafos, ideógrafos, provas de impressão”, “diários, correspondência, biografias, etc.”), não desprezando nenhum “testemunho”, exibindo até 23 facsímiles de inéditos, e detendo-se depois na análise minuciosa das variantes.

O escrúpulo da estudiosa que andou por espólios, bibliotecas, entrevistas, e que valorizou rascunhos, borrões, provas, fragmentos, vê-se também nas anotações minuciosas e no esforço para apresentar e sinalizar o texto regiano e as suas variantes com a máxima clareza, num bonito modelo e aparato gráfico que definiu por certo em diálogo com os responsáveis das Edições Quasi.

No final, não será difícil ao leitor acompanhar as conclusões de Maria Bochicchio sobre a “psicologia da composição” de Régio, sobre a tipologia das suas variantes, sobre as suas opções estético-literárias. Mas também não será difícil ao leitor reconhecer os muitos méritos desta nova lusófila italiana. Régio confessou um dia “a um jovem poeta”: ”Já te

dei tudo quanto posso”. Maria Bochicchio despendeu neste seu fecundo e modelar trabalho muita energia investigadora e analítica; por ele intuímos que ela tem ainda muito e muito valioso a dar não só a Régio mas também à poesia, à cultura e à língua portuguesa que tanto ama – e que desde já lhe deve estar reconhecida. ARNALDO SARAIVA

*Futurismo Avanguardia Avanguardie*, a cura di Didier Ottinger, Parigi, Centre Georges Pompidou, Milano, 5 Continents Éditions, 2009, 359 pp.

*Futurismo 1909-2009 Velocità + Arte + Azione*, a cura di Giovanni Lista e Ada Masoero, Milano, Skira, 2009, 451 pp. + CD

Se o lastro e a memória de uma exposição perduram através das páginas do seu catálogo, boa parte da mais recente história crítica sobre o Futurismo, nas suas valências europeias e internacionais, está ligada à concepção de uma célebre mostra, que remonta a 1986, e cujo catálogo constitui uma referência para os estudiosos da matéria. Refiro-me a *Futurismo e Futurismi. Catalogo della mostra, Venezia, Palazzo Grassi*